

é Deus — e o Deus de Roma é o infinito com limitações.

Pureza — perfeição — sabedoria infinitas, limitadas, no entanto, por uma impureza — por uma imperfeição, seria um êrro eterno; seria o mal absoluto, seria um dos resultados da obra de Deus.

Neste caso o poder infinito para o bem seria limitado pelas conquistas do espírito maligno, pois revelam claramente a impotência divina (1) ante o poder de uma das suas criaturas.

A bondade infinita seria limitada pela criação da imensa multidão de Espíritos predestinados a eternos sofrimentos.

A misericordia e amor infinitos teriam seu limite á porta do horrendo calabouço dos miseráveis réprobos.

A justiça infinita seria limitada pela injustiça de bárbaros e exagerados castigos — e pelas preferências caprichosas entre os Espíritos angélicos e humanos — entre estes, principalmente, pois, sendo definitiva a sua sorte depois da existência corporal, para que fôsse justo o castigo e imparcial o prêmio, seria preciso que todos sofressem iguais provas, assim como contrariedades e tentações em condições idênticas.

Se, pois, aceitamos o critério de Roma quanto á evidência divina, mui longe estamos de respeitá-lo como guia fiél e interprete infalível no que entende com as relações entre as criaturas e o Creador; mas, tão longe mesmo, que não vacilamos em considerá-la a principal causa das divisões e cismas da igreja — da indiferença religiosa — do positivismo — e do materialismo que tão audaz se ostenta em nossos dias.

O absurdo não pôde dar outro fruto que não seja

(1) Ninguém pôde entrar na casa do valente e roubar-lhe as joias, sem que primeiro prenda o valente, para depois saquear-lhe a casa. (S. Marcos, cap. III, vers. 27).

a negação. O absurdo religioso conduz, primeiro, á divisão, ao cisma, e conclue pela indiferença e pelo ateísmo.

Estamos na última fase do catolicismo romano.

## VII

### *Dever do homem verdadeiramente religioso. Necessidade de uma imediata regeneração religiosa.*

No estado atual das sociedades e na altura a que tem chegado o desenvolvimento do senso comum e da razão humana, não basta dizer e assegurar que tal ou qual igreja é a única depositária do fogo sagrado, e sim faz-se preciso satisfazer, com provas concludentes, as legítimas aspirações dos que baseiam a verdade no seu terreno natural — no terreno da ciência.

O *magister dixit* já fez seu tempo, e os menos exigentes reclamam alimentos mais substanciais para saciar a fome intelectual.

E, quando em busca da razão da fé, se tropeça num diabo, que limita o poder de Deus — com um inferno que fala contra a bondade, a misericordia e a justiça divinas — com um purgatório que pôde ser abreviado por dinheiro, etc., etc., não é possível deixar-se de exclamar: estas doutrinas são ateísticas e irracionais — e o ateu não pôde, nem poderá jamais fazer parte da verdadeira religião.

E qual é o dever do homem que crê em Deus e na imortalidade da alma, se se persuade de que a sua religião não explica as verdadeiras relações entre a criatura e o Creador — se reconhece que a mentira está de envolta com a verdade — e o transitório e mutável confundido com o eterno e essencial?

O seu dever é levantar a voz contra a impostura

— não consentir em silêncio na exploração da razão e dos sentimentos do homem pelo homem — protestar contra os abusos e mistificações que se cometem, tomando-se a Divindade por editor responsável — discriminar o divino e o humano, afim de que as obras de Deus brilhem em todo o seu esplendor — arrostar as consequências, comumente desagradáveis e funestas, que sóem prover da defesa de verdades ainda não aceitas pela generalidade dos homens — em uma palavra: cooperar decididamente para que a verdade religiosa faça caminho pelas inteligências e pelos corações, sacrificando nas aras de tão santa causa o próprio bem estar e mesmo a vida, se os acontecimentos fizerem necessário tal sacrifício.

O que nos deve importar o ridículo, se, desprezando-o, levamos o nosso grão de areia para a obra da regeneração humana?

O que nos deve importar o insulto, se no santuário da nossa consciência gozamos a inefável satisfação de quem faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa dos homens?

Que importam humilhações — impropérios — anátemas e presegições, com que os defensores do êrro contestam os que se atrevem a denunciá-los ante o grande tribunal da consciência universal, se, com isso, logra-se que a consciência humana se emancipe do secular domínio que coarta a sua atividade e se eleve sobre as preocupações que a envolvem e obscurecem?

Basta de temores indígnos e de considerações egoísticas, único esteio do vacilante edifício dos absurdos religiosos. Já é chegada a hora de se restaurar e reedificar o Templo, e de se adorar a Deus em espírito e verdade.

Basta de mistificações e de superstições — de comédias religiosas — de deuses pequenos — e de cultos insustentáveis, que têm desmoralizado as sociedades e

desenvolvido, de um modo pavoroso, a indiferença, o scepticismo e o culto da matéria.

Não vêdes como o mundo moral se desmorona? Não ouvis o ruido das crenças que caem por terra? Não vos faz tremer o clamor que se levanta de todas as consciências, o frio que gela todos os corações, o simoun que impele e arrasta todos os povos, o fogo que abraza todos os Estados católicos da terra?

Dirigimo-nos aos homens de boa vontade.

Sabeis porque imperam o dolo e a mentira nas relações sociais e na política dos povos? Porque os laços da família se relaxam e a imoralidade campeia em todas as esferas? Porque o egoísmo se apossa dos homens e porque o ouro é o iman das suas ações e desejos? A causa de tantos males é a falta de crenças que sejam a sâncção da moral — e, sem o regulador da moral, a perturbação se introduz nas famílias e a corrupção agita as sociedades.

Os homens que aspiram á vitória da verdade são mais numerosos que os interessados, de boa ou de má fé, na sustentação do êrro.

Unamo-nos, pois, juntemos os nossos caritativos esforços, porque destacados êles não dão fruto. A arca da salvação, o Evangelho de Jesus, flutua ainda sobre o oceano das misérias humanas.

Não transijamos por mais tempo com a mentira religiosa, seja qual fôr a sua procedência — sejam quais forem os atavios com que se adorne — seja qual fôr a autoridade, que a prégue e explore.

### VIII

*Farisaísmo e hipocrisia. Importância do Catolicismo pelo número dos seus adeptos.*

Muitos se escandalizarão ou dar-se-ão por escandalizados com a leitura das linhas que precedem: tão per-